

Uma cidade a cantar



Itamar Rodrigues

A tradição dos corais é cultivada para reforçar a auto-estima dos habitantes

Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, investe no talento artístico de seus jovens habitantes como estratégia de combate à miséria

“**C**onta, conta, cantador/Conta a história que eu pedi/Dizem que o Jequi tem onha/Conta as onhas do Jequi.” É comum ouvir essa canção regional reverberando nas ruas de pedra da cidade de Araçuaí, entoada por algum dos corais folclóricos locais. Na língua tupi, “jequi” é armadilha de pegar um peixe chamado “onha”. Jequitinhonha é o vale em que o município de Araçuaí, no nordeste de Minas Gerais, está encravado. Trata-se de um dos mais renitentes bolsões de pobreza do país – um município onde o analfabetismo passa dos 40% e a metade dos trabalhadores sobrevive com meio salário mínimo por mês. Mais de 50% da popu-

lação tem menos de 19 anos: os adultos vão-se embora, em busca de uma vida melhor. Mesmo assim, Araçuaí nunca parou de cantar. E o investimento na tradição musical e em outras vocações culturais vem sendo a chave para reforçar a auto-estima dos habitantes e vencer a exclusão. É o que diz a prefeita Maria do Carmo Ferreira da Silva, do PT, assistente social chamada de Cacá pela população. “Usavam o estigma da pobreza em detrimento da população guerreira, mas estamos mostrando nossa identidade”, diz. “A cultura é a nossa riqueza.”

Uma das primeiras ações da prefeita foi a criação de uma Secretaria de

Cultura, que nunca existiu antes. Na terra onde dizem que “o nenê não chora, mas canta, quando nasce”, um dos programas que mais têm se destacado é o Projeto Ser Criança, parceria da prefeitura com o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), uma organização não-governamental. Criado há oito anos, o projeto abrigava inicialmente 100 alunos e hoje já atende anualmente 700 crianças, adolescentes e jovens carentes. Oferece aulas de coral, música e arte. Um dos filhotes do projeto e maior orgulho da cidade é o coral Meninos de Araçuaí, formado por 40 rapazes e moças que têm viajado pelo país cantando clássicos da MPB e cantigas folclóricas regionais. Já excursionaram apresentando uma peça teatral e gravaram até CD e DVD com o compositor Milton Nascimento. Os jovens decidiram destinar os ganhos de uma excursão, de R\$ 40 mil, à implantação do

primeiro cinema de Araçuaí. “Os filmes vão nos trazer lições para a vida”, diz Nataliana dos Santos, de 18 anos, que faz parte do Meninos de Araçuaí.

No Projeto Ser Criança, meninos e meninas participam da brinquedoteca, de oficinas de dança, teatro, música e horta. Nessa fase, o programa é chamado de Sementinha. Quando se tornam adolescentes, passam a frequentar as fabriquetas, oficinas que ensinam técnicas artísticas baseadas na serralheria, carpintaria ou pintura. “Fico emocionada demais quando vejo a beleza da criação dos nossos meninos”, diz Lira Marques, artista plásti-

ca da região que criou uma técnica que utiliza terra para pintar máscaras, cerâmica e cartões e ministrou oficinas no projeto.

Os adolescentes integrados às fabriquetas recebem uma bolsa da prefeitura de R\$ 65 e os que mais se destacam comercializam suas obras numa cooperativa, gerando uma renda para a família. A confecção do artesanato é rara alter-

nativa ao trabalho infantil. O projeto abre portas numa região onde a maioria dos jovens não sabe ler mesmo tendo cursado o ensino fundamental e é obrigada a abandonar os estudos antes dos 15 anos para buscar trabalhos pesados em outras cidades, como o corte de cana. “Criamos oportunidades profissionalizantes diferenciadas investindo na arte”, diz o secretário de Educação, Tião Rocha. “Assim, os meninos não precisam sair daqui.”

Em outro projeto, a arte é usada como instrumento de recuperação de portadores de transtornos mentais. Instalado numa chácara, o Centro de Atenção Psicossocial (Caps) recebe cerca de mil pacientes por mês. Eles são tratados e se envolvem em atividades, como cuidar de uma horta. No final do dia, voltam para a família. As oficinas culturais de artesanato com material reciclado e música são fundamentais na recuperação dos doentes. O coral dos pacientes do Caps até se apresentou para o presidente Lula, quando esteve visitando a região. “Ai, minha Araçuaí, outro lugar assim tão lindo eu nunca vi”, canta o coral, vocalizando a esperança de que as transformações continuem.

Cristiana Felipe, de Araçuaí



Artesão da sucata

Há seis anos, quando entrou para o projeto Ser Criança, da prefeitura, **Danilo Teixeira Souza**, de 17 anos, não imaginava que sucata podia virar arte. Começou a oficina de serralheria pensando que fosse aprender a fazer portões e janelas. Foi bem diferente. “Você não sabe o quanto eu fiquei feliz quando descobri que das peças e engrenagens que iam

para o lixo dava para fazer coisas tão bonitas”, conta. Nas mãos de Danilo, o que não valia nada vira artesanato de qualidade. Ele passa o dia trabalhando na fabriqueta e à noite cursa o 1º ano do ensino médio. Com o dinheiro das esculturas de ferro, que vende por meio de uma cooperativa, o estudante ajuda a sustentar a família de sete pessoas. “Se não fosse a fabriqueta, eu não teria opção. Ia tentar ser mecânico ou acabar nos canaviais.”



Cristiana Felipe